

## O CONTO DE FADAS COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO PSICO- PEDAGÓGICA NA INSTITUCIONALIZAÇÃO – ESTUDO DE CASO

Santos, Florência  
Neto, Helder

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa  
Universidade Lusófona do Porto  
12512@ufp.edu.pt  
helderneto@hotmail.com

### Resumo

O valor psico-pedagógico da utilização do conto de fadas tem sido estudado em vários contextos (Costa & Baganha, 1991; Costa, Santos & Vidigal, 2005; Gutfreind, 2003;) e a sua origem histórica remete-nos, pelo menos, para Platão, para a ideia de que as mulheres mais velhas contavam às suas crianças histórias simbólicas e que a partir daí inseriram-se os contos de fada na educação das crianças (Franz, 1990).

Este trabalho resulta do estudo de caso de Barnabé (Santos, 2009), um menino institucionalizado com uma *desarmonia evolutiva*. Depois de percorrer várias possibilidades de intervenção, e face aos seus apelos de ajuda gradualmente consistentes, iniciou-se um acompanhamento psicoterapêutico, onde a utilização terapêutica do conto de fadas abriu uma possibilidade fascinante de iniciar o trabalho de elaboração da perda e da rejeição a que foi sujeito, ao mesmo tempo que se interessava crescentemente pela leitura e pela escrita até então inibidas. As contribuições de Winnicott (1975/1984/2002), particularmente o conceito de espaço potencial, e Gutfreind (2002/2003), no que respeita à utilização do conto em contextos como a escola e a instituição de acolhimento, foram centrais neste trabalho.

### 1. Introdução

Apesar dos avanços, o número de crianças institucionalizadas em Portugal tem vindo a aumentar e, como refere Alberto (2002, p. 227), “ (...) no domínio científico são tão raras as referências a esta temática, que se torna difícil começar qualquer reflexão”. Contudo, a falta de literatura científica sobre o tema não se coaduna com a gravidade do sofrimento destas crianças, marcado por sentimentos abandonicos (Berger, 2003; Strecht, 2002; Winnicott, 2002), perda de identidade (Sparling, Dragomir, Ramey & Florescu, 2005; Berger, 2003; Strecht, 2002; Winnicott, 2002) e comportamentos anti-sociais (Berger, 2003; Strecht, 2002; Winnicott, 2002). A urgência de uma intervenção que diminua o impacto da separação dos pais e institucionalização assenta no pressuposto de que a não expressão dos sentimentos de separação contribuem para aspectos traumatizantes (Gutfreind, 2003). Portanto, o trabalho neste contexto teve como principal objectivo elaborar aspectos do sofrimento psíquico ligados à história de vida (Gutfreind, 2002).

Apoiado na utilização terapêutica do conto com crianças institucionalizadas e em escolas públicas do Brasil realizada por Gutfreind (2002/2003), a finalidade deste estudo é partilhar os resultados a *Psicoterapia de Inspiração Psicanalítica* (P.I.P.) de Barnabé onde o conto de fadas revelou-se mediador da relação, permitindo a elaboração da história de vida, tendo como consequência um pensar mais consciente, nomeadamente a desinibição da leitura e da escrita.

### **1.1. A institucionalização da criança e as necessidades**

O lugar da criança é o seu próprio lar ou um lar adoptivo e só depois se deve pensar num lar substituto (Alberto, 2002; Bowlby, 2001). Assistimos todavia ao aumento da institucionalização, que objectiva proteger, criar condições de desenvolvimento e bem-estar não asseguradas na família (Alberto, 2002). Em 2008 contavam-se 15 mil crianças institucionalizadas e 1.700 famílias à espera de adopção (Público, 2008).

Para Alberto (2002), se a intenção é proteger a criança, a prática apresenta o *paradoxo da institucionalização*, visível nas consequências do processo: sentimento de punição, demissão/diminuição da responsabilização familiar, estigmatização e discriminação social e função de controlo social/ reprodução das desigualdades sociais.

Segundo Roy et al. (2004) o cuidado institucional associa-se a elevados níveis de dificuldades emocionais e comportamentais (particularmente défice de atenção e hiperactividade na escola). O abandono, a negligência e os maus-tratos provocam conflitos que só encontram expressão nas patologias do agir, como comportamentos disruptivos, visíveis na dupla «actos não pensados, pensamentos não comunicados», pois “Parar para pensar é impossível (...)” (Strecht, 2002, p. 233).

Segundo Strecht (2002) a institucionalização deve visar a (re) construção de dois espaços: *exterior* (um espaço próprio que permita o reconhecimento da individualidade e a existência de regras e limites) e *interior* (de suporte do “eu”, fornecendo um novo modelo relacional).

Winnicott (2002) disse que os lares não deveriam ter mais de 18 crianças. A criança tem tendência a “escolher” um adulto que será afectivamente significativo e poderá reparar o “eu” da criança se, de modo contínuo, lhe der um espaço para a ouvir dizer o que sente e pensa. Será o início da reconstrução da confiança no mundo exterior, que espelha a segurança interior”. O problema será então construir relações suficientemente vincutivas e securizantes dentro da instituição, que de alguma forma permitam à criança crescer emocionalmente. Berger (2003, p.76) fala na indiferença dos técnicos intervenientes, refindo-se aos técnicos da infância, mas estende o problema a assistentes sociais, juizes, médicos, etc. Mas esta indiferença é, muitas vezes, o resultado do activar de defesas psíquicas, com a função de preservar o bem-estar psicológico, pois trabalhar numa equipe forte com estas crianças e receber apoio externo é preservar a saúde psíquica e emocional Winnicott (2002).

Para Winnicott (1975, p. 39) “ (...) quando uma criança é separada dos pais, os mais intensos sentimentos são despertados” e os problemas manifestam-se de modo previsível, sendo a tendência anti-social consequência da privação afectiva. Quando uma criança sofre uma perda será de esperar uma manifestação de aflição e, se isso não acontecer, pode haver um distúrbio de tipo mais profundo. A perda de identidade é das características mais comuns na literatura consultada (Sparling et al., 2005; Berger, 2003; Strecht, 2002; Winnicott, 2002).

A criança institucionalizada deseja regressar ao tempo mítico anterior à separação e isto é acompanhado por dois mecanismos que bloqueiam a capacidade de pensar: negação e clivagem (Strecht, 2002). No fundo, o desejo de voltar para casa é alimentado pela idealização de seus pais. A tendência é classificá-las como temperamentais, mas o problema parece mais grave; são absorvidas por autênticos momentos alucinatórios. Se é difícil construir uma má imagem de si próprio, mais difícil é construir uma imagem de “maus pais”. Ao auto responsabilizarem-se pela colocação é mais fácil inverter a situação (Berger, 2003). A idealização evita essa ansiedade impensável, o que será vital nas crianças que sofrem violentamente a separação. A questão será: como abordar as feridas sem alimentar a idealização e causar essa ansiedade impensável?

## **1.2. O conto de fadas: história e benefícios**

Dizem os entendidos que nunca existiu nenhuma sociedade sem um certo grau de narratividade. Uma breve revisão bibliográfica revela a dificuldade generalizada em identificar uma origem comum e dá-se por certo que esta perde-se com as grandes descobertas da Humanidade (Gutfreind, 2003; Bettelheim, 2002; Costa & Baganha, 1991). Sabe-se apenas que, em termos geográficos, os temas dos contos ter-se-ão originado na Índia e migrado para a Europa (s.d., citados em Franz, 1990), enquanto outros defendiam a origem babilónica.

Um importante aspecto ligado à evolução dos contos é que estes nunca foram para crianças (Bettelheim, 2002). Eram dirigidos a jovens e adultos. Segundo Darnton (s.d., citado em Corso & Corso, 2006) o objectivo não era prevenir as crianças para os perigos, ou seja, não era sequer educativo. Mas, no séc. XIV dá-se a importante transição: o conto transmitido oralmente e registado sob a forma escrita, ganha a categoria estética; o contador procura agora a forma artística do conto sem perder o tom da narrativa oral (Gotlib, 1988). O conto de fadas que conhecemos terá nascido da recolha de Perrault, da tradição oral camponesa (século XVII), da criação da *família nuclear* e da *invenção da infância* (Franz, 1980; Gotlib, 1988).

Nos finais do século XIX, Laistner (s.d., citado em Franz, 1990), coloca a hipótese de que os temas básicos dos contos derivam de sonhos. Gutfreind (2002) afirma que foi com a Psicanálise que o conto passou a ser estudado cientificamente.

Em relação aos benefícios do conto de fadas Diatkine (1998, citado em Vidigal et al., 2005) atribui o valor de expressão simbólica, na medida em que os inícios como “Era uma vez...” ou

“No tempo em que os animais falavam...”, entre outros, enviam-nos para os primeiros anos de vida, onde tudo era possível. Além disto, cria condições que permitem proteger das próprias experiências (Gutfreind, 2003).

O conto, como refere Bettelheim (2002, p.11) “ (...) tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizada com as suas angústias e as suas aspirações; tem de reconhecer plenamente as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções (...) ”. Para Cabral (2007) dão suporte à criança para decifrar os enigmas da vida, participando na construção do mito pessoal: a sua história ou narrativa Bion (Cabral, 2007). Segundo Costa et al. (2005, p.76) o conto personaliza e externaliza controladamente o mundo externo “ (...) oferecendo personagens nas quais elas podem personalizar os desejos destrutivos numa só figura, ir buscar satisfações desejadas a outras e identificar-se ainda com uma outra (...) ”. Falam *da* busca da totalidade psíquica, da plenitude do ser, a individuação: “ (...) as histórias falam ao seu ego nascente, encorajando o seu desenvolvimento, enquanto, ao mesmo tempo, aliviam tensões pré-conscientes ou conscientes (...)”. Bettelheim (2002) diz que o impacto só é possível porque estes contos tem a capacidade de distrair, divertir, elucidar sobre si mesmo e desenvolver a personalidade. A identificação que a criança lança sobre o herói vai fazer com que, na sua imaginação, sofra com ele, o acompanhe em todas as tribulações, e também na sua vitória. Os contos transmitem a única coisa que pode manter-nos ligados ao mundo: a “ (...) formação de uma relação verdadeiramente genuína (...) ” (Bettelheim, 2002, p. 19). Encorajam a criança a livrar-se das dependências infantis, orientando-a para uma existência mais independente, através da consciencialização mais madura que põe ordem no caos interior e, assim, descobre a sua identidade e vocação (Bettelheim, 2002).

Uma ideia muito corrente é a importância de fantasiar, brincar, desenvolvendo a imaginação infantil (Costa et al., 2005; Bettelheim, 2002). Bettelheim (2002, p.14) esclarece: “ É aqui que os contos de fadas têm um valor ímpar, porque oferecem à imaginação da criança novas dimensões (...)”. Para Cyrulnik (2003) quando o desespero é permanente o devaneio pode preencher a *psiqué* com sentimentos do conto, daí constituir-se factor de protecção e reparação.

Costa e Baganha (1991, p. 33) referem que mantemos vivo o projecto de viver se, durante a vida formos encontrando, nas coisas, nas pessoas, nas ideias, “ (...) o objecto capaz de responder ao vazio do desejo (...) usando a linguagem do desejo (...) ”. É essa a linguagem de que fala a arte em geral, a capacidade transformadora do mundo real pela fabulação num outro mais subjectivo e mais suportável é inegável e o conto tem essa propriedade.

Costa e colaboradores (2005) fizeram uma intervenção baseados na ideia da dramatização dos em crianças com perturbações da comunicação e/ou da linguagem e obtiveram resultados muito positivos Os autores tiveram ainda conhecimento de um trabalho em França na Fondation Vallé,

em que terapeutas da fala usaram os contos para alargar o campo semântico cujo desenvolvimento linguístico apresentava atrasos (Costa et al., 2005).

No que respeita à utilização do conto de fadas com crianças institucionalizadas, apenas se teve conhecimento dos trabalhos de Gutfreind (2002/2003) em Paris, e no Brasil em escolas públicas, daí este trabalho ter-se apoiado especificamente neste autor, mas basta uma breve revisão temática pelos contos de fada clássicos para nos apercebermos que eles tratam, de modo muito peculiar, sentimentos íntimos às crianças separadas dos pais. O desejo de voltar para casa, tão comum nestas crianças, é alimentado pela *idealização* de seus pais (Berger, 2003), como *Hansel e Gretel*, no conhecido conto dos *Irmãos Grimm*. A culpa é quase sempre, conforme adverte Berger (2003) e Strecht (2002), camuflada, assim como os *sentimentos engarrafados* de Aladino que Bettelheim (2002) identifica nos contos.

Gutfreind (2002) chama a atenção para a utilidade clínica do instrumento que representa o conto de fadas com a criança institucionalizada. Os principais temas psíquicos considerados no estudo que levou a cabo foram a carência afectiva, a separação pais/filhos e o lugar familiar. O conto de fadas, sabedor destes temas, pode constituir um instrumento de trabalho precioso que ajude estas crianças a pensar e elaborar de um modo mais suportável a sua história de vida. Nos seus trabalhos, partindo de Winnicott, hipotetizou e confirmou, a utilização terapêutica do conto de fadas com a criança institucionalizada e o uso de objectos artísticos, como o conto, enriqueceres do *espaço potencial*.

## 2. Objectivos

O objectivo deste trabalho é reflectir os resultados da P.I.P. de Barnabé em relação à utilização do *conto de fadas*, mediador conceptualizado como *objecto/fenómeno transicional*, enriquecedor do *espaço potencial* (Winnicott, 1975).

## 3. Método

O método deste estudo é o estudo de caso, pois é uma das estratégias de investigação em Ciências Sociais (Yin, 2003) e deve advir de uma profunda vontade de entender um *fenómeno social complexo* (Martins, 2006; Yin, 2003). De facto, “estudar a criança institucionalizada (...) dentro de seu contexto real, com pouco controle do pesquisador sobre os eventos e manifestações do fenómeno” (Martins, 2006, p. 9) é mergulhar num *fenómeno social complexo* (Martins, 2006; Yin, 2003).

Foi realizada uma *Psicoterapia de Inspiração Psicanalítica*, onde o conto de fadas teve lugar cimeiro, conforme sugere Gutfreind (2003), que decorreu de Março de 2007 até Maio de 2008, com sessões semanais.

#### **4. Resultados: estudo de caso**

##### **4.1 Anamnese**

O primeiro contacto com Barnabé teve lugar no Gabinete de Psicologia da instituição em Outubro de 2006. Veio mostrar o desenho de uma cruz negra . Foi-me apresentado, tendo-me cumprimentado com dois beijos, deixando o desenho em cima da mesa e indo embora rapidamente. Tinha 10 anos. Fisicamente denota-se um atraso de crescimento significativo.

É o único rapaz de uma fratria de mais duas irmãs e o agregado familiar era constituído pelos três irmãos, o progenitor e a mãe. A mãe morreu teria apenas cerca de 4 anos. As irmãs ficaram desde logo com a avó materna e Barnabé passou a viver nas várias casas da família alargada, nomeadamente nas casas em que o pai foi vivendo. A família alargada conta com avós paternos, avó, duas tias (inclusive a tia S.) e um tio maternos, todos residentes em Aveiro. A família nuclear ter-se-á desagregado após a morte da progenitora. Depois, além dos maus tratos do pai, acresceu-se a não integração junto das irmãs, para além dos vários abandonos do pai. Barnabé só voltou a ver o pai três vezes: uma no Lar, no ano de acolhimento, outra no 11º aniversário e a terceira no natal. Nas três ocasiões o seu pai fez promessas que nunca cumpriu.

Decorreram várias tentativas de intervenção pela Segurança Social junto da família de Barnabé sem sucesso, pois esta não empreendeu quaisquer alterações. A adaptação ao Lar foi sempre difícil; além das regras obrigado a cumprir, a família desresponsabilizou-se ainda mais. Já com 7 anos frequentou infantário. Ingressou no ano lectivo de 2004/2005 no 1º ano do ensino especial e transitou sempre, embora com poucas aprendizagens. O percurso escolar foi muito conturbado e a sinalização como *criança em risco*, ficou-se a dever às constantes queixas por parte dos estabelecimentos escolares, particularmente até à data de acolhimento.

Foi acolhido e ficou sob guarda de um Lar de crianças e jovens do Porto, com a tia S. como retaguarda familiar, em Fevereiro de 2004, por decisão do Tribunal de Família e Menores de Aveiro, que considerou a situação de Barnabé insustentável. Na instituição o comportamento degradava-se: mau comportamento (especialmente na escola), batia aos colegas, insultava professores e colegas, fugas, exibicionismo, vidros partidos, roubo de objectos.

Apresenta discurso pouco fluído, hesitações devido a falta de vocabulário, com tom carinhoso que pretende seduzir o interlocutor para obter seus objectivos. A voz, em termos de tom, tem um registo expressivo e queixoso, dando uma sensação de falsa emotividade, falso *self*, fazendo-se acompanhar por mímicas e gestos que formam um todo aparentemente coerente.

##### **4.2. A P.I.P.: à procura de si para começar outra vez**

A P. I. P. de Barnabé teve início em março de 2007 e terminou em Maio de 2008. Depois de um percurso de cerca de 5 meses em que Barnabé tentava integrar-se nos vários grupos e

actividades da instituição (teatro, oficinas de expressão criativa, saídas culturais, dinâmicas de grupo), apelou ao acompanhamento individual.

Na sessão Barnabé folheava freneticamente revistas de banda desenhada e livros de histórias, na esperança de, assim, prender-se nessa actividade para não sentir nada. As primeiras sessões foram marcadas por grande agitação psicomotora, alheamento, indiferença às tentativas de contacto. Contudo, alternava essa agitação, com momentos de *comunicação significativa* (Lescovar, 2004). Na primeira sessão não deixou dar sentido à sua actividade frenética de folhear os livros (“Vais ler-me uma história?”, perguntei). Noutra sessão, folheando uma revista de banda desenhada do Tarzan, comunicou-me: “Vou-te contar uma história”: “o trazan”: “Era uma vez um Trazan, Tarzan, tinha uma família e a família ficou muito chateada e depois ele disse já não gosto de ti e já tá” (história nº1).

Quando se tenta conversar sobre a sua produção Barnabé interrompe, informando-me assim não conseguir comunicar frontalmente: “Posso contar-te uma história?”, avançou, muito inseguro e esforçado: “Era uma vez um quá quá...é só isso...conta outra vez...outra vez...” (história nº2). Apelei à continuidade da história (“E depois?”). Ele continuou: “Era uma vez um quá quá muito lindo, tinha a sua mãe também muito linda e um dia a mãe do quá quá morreu e depois ele ficou muito tempo sozinho, depois encontrou uns amigos e eles disseram tás sozinho? Tou. Então a tua mãe? Morreu. Como? De acidente. E foram felizes para sempre (história nº3)”.

Depois disse “já está”. Com a ajuda de uns bonecos ursinhos: “Era uma vez um ursinho que encontrou a sua mãe que era muito bonita, depois a mãe disse-lhe tens de te portar bem e tirar boas notas na escola...e depois o ursinho morreu e a mãe ficou muito triste e o ursinho foi enterrado e a mãe nunca mais quis saber dele... e foram felizes para sempre” (história nº3).

Entretanto iniciavam as aulas de teatro leccionadas no Lar e, perante a necessidade de escrever para um texto de selecção dos elementos do grupo, nasceu a primeira surpresa para espanto de todos que diziam: “Ele não escreve nem lê!”. Ele sabia algumas coisas, algumas palavras, expressões, mas o medo, a insegurança, a baixa auto-estima, apoderavam-se dele e o sentimento de pânico dominava.

Na sexta sessão introduzi-se a leitura do conto de fadas. Reagiu entusiasticamente ao apelo (“Posso contar-te uma história?”): acenou rapidamente com a cabeça e desatou a buscar um livro de histórias. Barnabé ouvia atentamente sentado e, pela primeira vez, quieto, enquanto eu lia e apontava com o dedo as imagens correspondentes à narração. No final da leitura do conto *A Branca de Neve* disse com expressão de conformismo “Vai morrer!”. Em *O Patinho Feio* Barnabé manteve o comportamento muito calmo e atento debruçado sobre a mesa e o livro. Quando a história já terminava Barnabé insistiu “devia morrer”. Já mais perto do final do conto

disse-lhe: “Ele não morreu, pelo contrário tornou-se num belo cisne com muitos amigos”. A história preferida foi a do *Patinho Feio* “porque é feio”.

Depois *O Gato das Botas*. No final da leitura disse: “Eu nem sei escrever gato das botas...nem o abecedário...”. Parece procurar ajuda para escrever, como se isso fosse algo tão íntimo e frágil que só num local muito seguro e longe dos olhares de todos. Incentivo-o, tento devolver-lhe o apoio que pede e escreve algumas letras e a expressão *O gato das botas*. Larga a caneta e diz: “Estás preparada? Vou contar uma história...”: “Chama-se história inventada pelo Barnabé. Era uma vez o Barnabé chamava-se Gato das Botas. E um dia arranjou uma namorada chamada Rita e depois casou-se e viveu para sempre” (história nº4).

Anuncia noutra ocasião uma nova história: “O Barnabé e a Raposa. Era uma vez quatro anõezinhos que viviam juntos a nós. E depois o Barnabé teve um acidente de camião. E depois o Barnabé foi para o hospital e depois não foram a tempo e o Barnabé morreu. E a raposa chorou e depois queria-se matar e a polícia não foi a tempo e a raposa morreu” (história nº5).

Outra história escolhida foi *Os Três Porquinhos*. A meio da leitura exclamou: “Deixa-me ler! Eu leio só esta palavra (*mas*) e tu lês o resto”. “Combinado, estás preparado?”. Depois inventa outra história: “Era uma vez um patinho muito feio que ninguém gostava dele. Um dia saiu à procura da mãe mas não encontrou. Andou, andou e encontrou uns animais que ficaram amigos do patinho feio” (história nº6). Pergunto se acha que o patinho continua a sentir-se feio, agora que tem amigos, ao que responde: “Eh...não sei...”. É dito então: “Eu acho que ele agora deve sentir-se bonito, tem alguém com quem possa contar, que o aqueça quando tiver frio, não precisa esperar que apareça um caçador para ajudá-lo a desprender as patinhas do gelo....

Comunica-me mais tarde: “Sabes o que quero ser quando for grande? Escritor de histórias”. Combinamos fazer um livro onde escreveremos as histórias que ele inventará.

Quando terminei outra leitura, a sua expressão decidida faz antever o que vai empreender: “Estás preparada? Para escrever a história que eu vou inventar?” “Era uma vez dois patinhos feios, viviam com a sua mãe e um deles morreu e a mãe ficou muito triste e o outro fugiu da mãe e depois desmaiou. Depois estavam lá muitos bichos e o patinho feio disse a eles para ajudar a encontrar a mãe, Depois o patinho feio encontrou a mãe e fizeram uma festa e viveram felizes para sempre” (história nº7). Digo-lhe que, a continuar assim, rapidamente se tornará escritor de histórias. Faz expressão de orgulho, de auto-valorização, mas não de exibicionismo, mania ou personificação de personagens como outrora. Na segunda leitura da história “História da raposa” interrompeu muitas vezes para localizar minha leitura na história (“Onde estás?”). Passei a seguir a leitura com o dedo indicador, como já havia feito. Depois, já na parte final do conto, diz novamente que também quer ler “Eu leio estas e tu continuas!”. É a segunda vez que



apela à leitura partilhada; fizemos esse “jogo” duas ou três vezes e a primeira vez leu apenas a palavra *mas*. Além disto a sua liderança na leitura da diáde do conto está mais premente.

Entretanto, aconteceram vários episódios muito frustrantes para Barnabé, particularmente a não visita de seus familiares nas férias do Carnaval, a conseqüente fuga e entrega de novo à instituição por um tio. Entre essa intensa angústia e ambivalência anuncia-me: “Frorencia quero aquela história que o rei morre”. Põe em relevo as suas angústias de morte, de fragmentação, na escolha de uma fábula intitulada *Os animais doentes com a peste*: “Não morreu ninguém com a peste?”. Conversámos então sobre as doenças e sobre o facto de ser possível tratar a maior parte delas, pois adoecer é normal e curar-se também. A recente tendência de comentar os contos segue: “Teve sorte...”, disse Barnabé em relação à *Branca de Neve*. A partir daí deu-se um dos momentos de *comunicação significativa*, como diz Lescovar (2004) acerca das consultas de Winnicott. Conversamos sobre a “sorte” da *Branca de Neve*, pois foi salva pelo príncipe quando tudo parecia perdido, assim como o *Patinho feio* que não morreu conforme se poderia pensar e muito menos era feio. Falo-lhe na desesperança dos personagens e como a própria vida os ajuda quando são bons. Não muito convencido de que se pode ter esperança mesmo nas situações mais difíceis, procura o conto *O Patinho feio*, numa atitude de verificação. Aproximadamente a meio do conto, já totalmente debruçado sobre a mesa, sobe para o tampo, ficando a cerca de um metro de distância de mim. Rendo-me ao encantamento daquela imagem, imagem desejante de ligação, envolvimento genuíno e nunca tão intenso e também intencional. Vejo esta nova situação como uma espécie de *cheque mate*, resultante de leituras e releituras, interiorizações e elaborações. A *esperança* parecia germinar ao ritmo das leituras e das conversas sobre os contos. Pergunto-lhe o que acha do longo voo do patinho, questão sobre a qual diz não pensar nada, mas devolve-me a pergunta, e tenho aí oportunidade de dar continuidade à *reparação* e à instauração da *esperança* que penso encontrar-se, por si só, nos contos. Falo-lhe na coragem e da força do patinho e de como isso, apesar do abandono, trabalhou a seu favor.

Noutra sessão estava colocado em cima da mesa um dos contos dos Irmãos Grimm: *Hansel e Gretel*. Diz que conhece a história, parecendo abordar novamente um dos temas tabu: o abandono. “Os meninos foram com a mãe má para a floresta, depois ele deixou cair migalhas mas não deu .... apetece-me morrer...”. Comunica desta forma o que lhe causa o intenso sentimento de abandono. Expressa-me, depois, a sua vontade de ser cuidado.

Foi na leitura do conto que percebi o que significava a nova abordagem já na fase final do processo de acompanhamento: “Vamos ler uma história”, em vez de “lê-me uma história?” ou “contas-me uma história?”. A meio da leitura anuncia de rompante: “Eu leio esta frase”. E assim foi, com muita dificuldade, tanta que quis ajudá-lo, ajuda que foi recusada numa atitude de verdadeira afirmação de identidade “Não digas nada, eu leio!”.

Depois *João e o pé de feijão*. No final da primeira página do conto Barnabé anunciou: “Eu leio esta página e tu a outra!”. Já não tinha medo nem vergonha das dificuldades na leitura e a própria preguiça parecia vencida pela beleza dos contos, pelo modo como eles propiciam uma relação terapêutica de afecto, genuinidade e coragem. Assim Barnabé leu a segunda página do conto, perguntando por vezes “como se lê esta?” e exibindo interiorizações que tem feito ao longo da escuta das leituras do conto. Mas ler assim, assumidamente, não foi para ele fácil: depois do sucesso da leitura da segunda página Barnabé ficou extremamente excitado, exibindo tiques que parecem ajudá-lo no cumprimento da difícil tarefa a que se propôs sem medo.

“Vou inventar uma história...tás pronta?”, diz em tom de marcador. “O Barnabé” “Era uma vez um menino que vivia num castelo que a mãe e o pai nunca deixavam ver o mundo. O Barnabé um dia foi almoçar e depois quando acabou de almoçar pegou numa faca sem o pai ver. Todos os dias à noite o Barnabé partia um bocadinho da parede com a faca e depois o Barnabé tapava o buraco com uma almofada.

Um dia o Barnabé desceu pelo buraco e viu uma princesa e a princesa tinha um papel e um lápis.

Quando o Barnabé viu o papel e o lápis escreveu: “Eu vi-te e tu não me viste”.

Finalmente o Barnabé quando ia a subir o muro a princesa acordou e viu o Barnabé. A princesa disse que queria falar com o Barnabé. A princesa perguntou ao Barnabé: “Queres casar comigo?”. A princesa disse que sim e viveram felizes para sempre (história nº8).”

Na sessão seguinte insiste em vender o livrinho de histórias. Aproveito essa vontade para “pedir-lhe mais”, como sugere Cyrulnik (2000). É-lhe proposto, para isso, ser ele próprio a escrever as suas histórias, até agora escritas por mim. Ainda antes do final desta sessão, e com o mesmo objectivo de valorizar o livrinho dita para eu escrever: “ história pequena...Era uma vez um patinho que vivia numa casa sozinho. A mãe morreu de acidente e o pai estava sempre a bater-lhe. E um dia o patinho fugiu de casa e o pai ficou muito zangado e depois foi à procura dele e disse: “Sopa, sopa, sopa!! Nunca mais encontrei o meu filho”. E depois o filho encontrou uma família e foi feliz para sempre” (história nº9).

Dias depois, transcreve uma das suas histórias, tentando evitar o confronto com a sua escrita, com as suas capacidades, mas acaba por fazê-lo quando refiro o facto de querer ser escritor. Combinamos juntar, durante a semana, as suas histórias que eu traria para a sessão.

Em conversa sobre a tristeza do soldadinho e do patinho feio, de como sofreram e acabaram por encontrar a felicidade, de como o patinho afinal não era feio, Barnabé pergunta: “Porque é que nunca ninguém percebeu isso e lhe chamavam feio?”, num tom enervado de quem não consegue ainda aceitar a tristeza de “ter sido feio” tanto tempo. Depois transcreve, por iniciativa própria,

outra de suas histórias inventadas, desta vez a mais longa. Escreve muito devagar e cuidadosamente, com um empenho nunca visto.

Em Maio de 2008, quando entrava no Lar, Barnabé corre em minha direcção e a gritar meu nome. Conta que vai para um “colégio” perto de casa, e que é de vez. É uma instituição com menos crianças, o que por si, pode fazer toda a diferença. Barnabé está em êxtase. Pede para acompanhá-lo à capela da instituição para agradecer a Jesus. Acompanho-o à capela, onde demonstra muito respeito pelo contexto religioso e pede-me para agradecer com ele. Com as lágrimas nos olhos inicia em voz alta uma reza espontânea: “Jesus quero agradecer muito o que estás a fazer por mim, desculpa ter desconfiado de ti”. Na última sessão tentei fazer um resumo do processo destacando os aspectos mais positivos e o cumprimento dos objectivos a que nos tínhamos proposto. Barnabé acaba de passar a sua história, que começara a transcrever na sessão anterior e, pouco depois interrompe o meu raciocínio dizendo: “Tu disseste que eu ia ser mais feliz mas agora sofro mais...”. Transmito-lhe compreensão enquadrando o sofrimento agora mais consciente, mais pensado, no quadro dos progressos alcançados. Depois pergunta se voltaremos a ver-nos. Dei-lhe a minha morada para escrever-me . Combinamos o destino do seu livrinho de histórias: fotocopiar a cores para mim e entregá-lo a Barnabé.

## 5. Conclusões

A cruz negra inaugurou a relação e constituiu seu primeiro símbolo. Morte e destruição, por um lado, busca de sentido e ligação por outro, são características de um menino inicialmente muito clivado, cuja ambiguidade Berger (2003) aponta na criança institucionalizada.

As primeiras tentativas de comunicação de Barnabé pareciam autênticas projecções identificativas (Klein, 1994) (“Vai morrer”; “Devia morrer”). Mas à medida que desenvolvia as suas narrativas, foi-se verificando uma consciência acrescida de ambivalência e uma atenuação dos mecanismos projectivos, típicos do enfrentar dos conflitos da fase depressiva (Golse, 2005). Podemos constatar isso quando Barnabé disse “tu disseste que ia ser mais feliz mas agora sofro mais”. De acordo com Klein (1994) as identificações projectivas estão na origem do pensar e da simbolização. O “buraco” é, na narrativa de Barnabé (história nº8) o caminho para a liberdade, liberdade proporcionada pela elaboração dos principais conflitos; o buraco partido diariamente, como nas sessões, semanalmente, persistentemente, acreditando e lutando, apesar da dor.

Segundo Cyrulnik (2003) os adultos resilientes foram ajudados a dar sentido às feridas, e Barnabé, dispondo de alguns objectos e actividades - conduzia-se nessa actividade de criatividade resiliente, na luta pelo sentido (Bettelheim, 2002), na construção do *mito pessoal* (Bion, 2004), que mistura glória e vergonha (Cyrulnik, 2003).

O sentido que Barnabé buscava trabalhava-se, desde logo, na 1ª sessão ao perguntar-lhe (enquanto Barnabé folheava uma revista) “Vais ler-me uma história?”. Esta expressão parece ter instaurado a via da narratividade e seus os benefícios. Barnabé retomou depois a ideia sugerida “ Vou-te contar uma história”. Expressões como “Estás preparada?” pareceram ter funcionado como os rituais assinalados por Gutfreind (2003). A narratividade começou portanto por acontecer na invenção de histórias por Barnabé. Nas três primeiras narrativas tentou, apesar da inibição, elaborar a história de vida, recorrendo a sequências narrativas que representam a sua realidade (morte da mãe e desvinculação com a família).

Crescia o interesse pelos contos, como um encantamento, e com isso todas as formas de se aproximar destas histórias: narrativas, leitura de contos (1º ouvidas, depois lidas) e escrita das narrativas inventadas. A leitura parecia ter deixado de ser uma obrigação para ser um meio de comunicação de ligação afectiva, de estabelecimento de vínculo com a relação psicoterapêutica e um modo de elaborar a sua difícil história, que o deixava alienado de tudo e de todos, pois como diz Strecht (2002) “Parar para pensar é impossível”.

Na leitura de *O Gato das Botas*, ao dizer “eu nem sequer sei escrever gato das botas” parecia informava-me não poder identificar-se com esse personagem porque é muito esperto. Com o tempo aceitou minha consideração de que não passava de um simples gato herdado, cuja vontade de vencer o levou ao triunfo.

A nomeação explícita dos pais e da história de vida em sete das histórias inventadas possibilitou a expressão dos sentimentos de separação, de abandono, de solidão, de desamparo, de desinvestimento narcísico, cuja fealdade explicaria toda a negligência, rejeição e abandono e permitiu a elaboração psíquica das relações familiares e da sua história de vida. Para Lafforgue (1998, citado em Gutfreind, 2003) os contos oferecem uma família imaginária e isso ajuda a criança a pensar-se. Mais directamente, pensou-se a si próprio. A identificação com o *patinho feio*, foi inicialmente muito importante porque Barnabé parecia precisar, antes de tudo, de uma explicação para toda a rejeição, para depois interiorizar a ideia de que, na verdade, o patinho nunca foi feio, apenas nasceu diferente, como se veio a verificar na transformação ou a revelação do patinho, depois de uma longa e dura caminhada, num belo cisne.

As interiorizações e nomeações iniciais de expressões e personagens como “Era uma vez...”, “Tarzan”, em vez de “Trazan”. “Vou-te contar uma história”, “quá, quá” e “foram felizes para sempre” anunciavam já a elaboração da sua história familiar. A exteriorização da culpa, das pulsões de morte e destruição, do fortíssimo desejo de realização amorosa transversal a todas as histórias inventadas, é outro dos mecanismos identificados por Gutfreind (2003) e verificados neste estudo. Incentivos referidos como “Vais contar-me uma história” ou “E depois?” parecem tê-lo encorajado nessa difícil tarefa que é a narração da sua vida. Manter os imagos materna e

paterna vivos foi portanto uma função que o conto cumpriu com excelência, pois sendo uma forma não ameaçadora de abordar os conflitos (Gutfreind, 2003), não só permitiu a elaboração psíquica das relações e da separação, como atendeu ao aspecto lúdico, central na intervenção com crianças carentes afectivamente (Winnicott, 1975), e à desinibição da leitura da escrita.

A atitude de grande atenção à leitura, a quietude física e o interesse em localizar a leitura no texto do livro foram as primeiras reacções detectadas e que parecem sugerir a intensidade do trabalho mental. Anzieu (1993, citado em Gutfreind, 2003) refere que é preciso tempo e maturação para os pensamentos subirem para a cabeça. Depois da introdução da leitura de contos, Barnabé passou a atribuir título às histórias, indicando um primeiro sinal de estruturação do pensamento. Essa estruturação (princípio, meio e fim) direccionou-se para a possibilidade feliz, para a instauração da esperança (Bettelheim, 2002). A construção do livrinho para guardar as histórias inventadas funcionou como prova das transformações: “vêem, vêem fui eu que fiz”.

Winnicott (1975) refere que os momentos mais importantes da psicoterapia são os momentos em que a criança se surpreende a si própria. O momento em que Barnabé pergunta porque nunca ninguém percebeu que o patinho não era feio, surge num registo de diálogo muito directo e frontal, exteriorizando, através da história do patinho feio, a revolta de ter vivido tantos anos na sombra de si próprio, sem ninguém que o ajudasse a crescer. Sentindo a injustiça de ter sido feio tanto tempo, volta a colocar a questão à qual não respondo definitivamente, mas indico possibilidades: o facto de ter nascido diferente, a possibilidade da família e ele próprio não ter tido paciência para ver no que se transformaria, mas colocando a tónica no facto de ter valido a pena lutar e ter esperança porque veio a perceber como era belo e amado, apesar de tudo. Assim, Barnabé lutando e tendo esperança encontraria um lugar seguro, onde se sente belo e amado. Parece mais consciente e sem uma dor insuportável, como diz Gutfreind (2003).

A preocupação central desde o primeiro contacto com Barnabé foi encontrar uma via que permitisse recapturar a continuidade do seu desenvolvimento. Depois, ao longo deste estudo, fui verificando a escassez de literatura sobre a temática e nasceu a vontade de contribuir para o aumento das referências científicas na criança institucionalizada e a utilização terapêutica do conto de fadas. De facto, a técnica da utilização terapêutica do conto de fadas ainda não está sistematizada, o que se deve também à própria natureza aberta do conto (Gutfreind, 2003), conforme Bettelheim (2002) já tinha chamado a atenção. Contudo, a técnica é utilizada, como verificou Gutfreind (2003), em terapia de inspiração psicanalítica, tendo a iniciativa de utilizar a técnica com crianças institucionalizadas e demonstrar sua adequabilidade e efeitos reparadores. Considera-se que a utilização terapêutica do conto de fadas como mediador na relação terapêutica ajudou Barnabé a expressar sentimentos e a elaborar aspectos do sofrimento psíquico ligados à história de vida, diminuindo os aspectos traumatizantes. De facto, foi

possível verificar, ao longo do acompanhamento, que o conto de fadas funcionou como um objecto enriquecer do espaço potencial, elaborando a sua história de vida e desinibindo uma das áreas mais afectadas: a leitura e a escrita.

## 6. Referências

- Alberto, I. (2002). Como Pássaros em gaiolas? Reflexões em torno da institucionalização. In C. Machado & R. Gonçalves (Ed.), *Violência e Vítimas de Crimes* (pp.223-244). Coimbra: Quarteto Editora.
- Berger, M. (2003). *A criança e o sofrimento de separação*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- Bion, W. (2004). *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bowlby, J. (2001). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cabral, F. (2007). A Construção do Simbólico, A Psicanálise Hoje. In Cabral, F. . *Construção do Simbólico, A Psicanálise Hoje* (Curso).
- Corso, D. & Corso, M. (2006). *Fadas no Divã, Psicanálise nas Histórias Infantis*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Costa, I. & Baganha, F. (1991). *Lutar para dar um sentido à vida: os contos de fadas na educação de infância*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Costa, J.; Santos, M., & Vidigal, M. (2005). Era uma vez... (Atelier de expressão dramática de contos infantis). In J. Vidigal et al. (Ed.), *Intervenção Terapêutica em grupos de Crianças e Adolescentes* (pp. 73-101). Lisboa: Trilhos Editora.
- Cyrułnik, B. (1989). *Sob o signo do afecto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cyrułnik, B. (2000). *Resiliência, essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cyrułnik, B. (2003). *O Murmúrio dos Fantasmas*. Lisboa: Temas e Debates.
- Franz, M. (1990). *A interpretação dos contos de fada*. São Paulo: Edições Paulinas.
- Golse, B. (2005). *O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança*. Lisboa: Climepsi.
- Gutfreind, C. (2002). *La psychothérapie de groupe à travers les contes: une expérience clinique avec les enfants placés en foyer, La psychiatrie de l'enfant*. Retirado em 5 de Junho, 2008, de [http://www.caim.info/article.php?ID\\_REVUE=PSYE&ID\\_NUMPUBLIE=PSYE\\_451&ID\\_ARTICLE=PSYE\\_451\\_0207](http://www.caim.info/article.php?ID_REVUE=PSYE&ID_NUMPUBLIE=PSYE_451&ID_ARTICLE=PSYE_451_0207).
- Gutfreind, C. (2003). *O terapeuta e o lobo – a utilização do conto na psicoterapia da criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Klein, M. (1994). El desarrollo de un niño. La influencia del esclarecimiento sexual y la disminución de la autoridad sobre el desarrollo intelectual de los niños. In M. Klein (Ed.), *Amor, culpa y reparación* (pp. 15-65). Barcelona: Paidós.
- Lesvocar, G. (2004). *As Consultas Terapêuticas e a Psicanálise de D. W. Winnicott*. Retirado em 2 de Outubro, 2007, de <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/epc/v21n2/v21n2a04.pdf>.
- Matos, A. C. (1999). Ser único e ter rosto: o binómio resiliente. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 1 (1), 11-21.
- Martins, G. (2006). *Estudo de Caso. Uma estratégia de Pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas.
- Público (2008). PSD deverá apresentar projecto de lei para agilizar adopção. Retirado a 22 de Fevereiro, 2007, de <http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1316544>.
- Roy, P.; Rutter, M., & Pickles, A. (2004). Institutional care: associations between over activity and lack of selectivity in social relationships. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(4), 866–873.
- Rutter, M. (2000) Children in substitute care: some conceptual considerations and research implications. *Children and Youth Services Review*, 9-10 (22), 685-703.
- Santos, J. (1998). *Eu agora quero-me ir embora – conversas com João Sousa Monteiro*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Sparling, J.; Dragomir, C.; Ramey, S. & Florescu, L. (2005). An Educational Intervention Improves Development Progress of Young Children in a Romanian Orphanage. *Infant Mental Health Journal*, 26 (2), 127-142.
- Strecht, P. (2002). *Crescer vazio. Repercussões Psíquicas do Abandono, Negligência e Maus Tratos em Crianças e Adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Vidigal, M. & Col. (2005). *Intervenção Terapêutica em Grupos de Crianças e Adolescentes. Aprender a pensar*. Lisboa, Trilhos editora.
- Winnicott, D. (1975). *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (2002). *Privação e Delinquência*. São Paulo, Martins Fontes.
- Yin, R. (2003). *Case Study Research: Design and methods*. London: Sage Publications.